

**Léxico e cultura regional em *Corações de Borracha***  
**Lexicon and regional culture in *Corações de Borracha***

Alexandre Melo de Sousa<sup>1</sup>

Airton de Mesquita Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Acre

**Resumo:** Este artigo é resultado de uma pesquisa bibliográfica acerca do vocabulário dos seringueiros, com o objetivo de descrever seu perfil cultural e linguístico, a partir dos traços descritos na obra *Corações de Borracha*, de Silvio Martinello. Neste trabalho, consideramos como seringueiro o extrator do látex no seio da floresta, sob a tutela do seringalista e condicionado ao meio social, cultural e econômico do contexto do seringal. No romance *Corações de Borracha*, temos a representação de uma cultura, expressada através do léxico, que perpassa os limites convencionais da língua, com a criação de novas palavras ampliando o campo lexical da língua. Ao final do artigo, apresentamos um glossário de termos extraídos da obra, divididos em campos semânticos a partir do contexto da obra. Concluimos que o léxico regional vai além da esfera linguística: ele marca o espaço, o tempo e a cultura de um povo. A cosmovisão do grupo humano que habita um espaço está refletida em cada termo.

**Palavras-chave:** Glossário; Cultura regional; *Corações de Borracha*.

**Abstract:** This article is the result of a bibliographical research about the rubber tappers' vocabulary, with the purpose of describing their cultural and linguistic profile, from the traces described in *Corações de Borracha* by Silvio Martinello. In this work, we consider rubber extractors as latex extractors within the forest, under the care of the seringalist and conditioned to the social, cultural and economic environment of the rubber tree. In the novel *Corações de Borracha*, we have the representation of a culture, expressed through the lexicon, that crosses the conventional limits of the language, with the creation of neologisms, amplifying the lexical field of the language. At the end of the article, we present a glossary of terms extracted from the work, divided into semantic fields from the context of the work. We conclude that the regional lexicon goes beyond the linguistic sphere: it marks the space, time and culture of a people. The worldview of the space-dwelling human group is reflected in each term.

**Key-words:** Vocabulary; Regional culture; *Corações de Borracha*.

**Submetido em 22 de outubro de 2019.**

**Aprovado em 29 de novembro de 2019.**

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística. Professor de Linguística, Linguística Aplicada à Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Acre, em níveis de Graduação e Pós-Graduação. Email: alexlinguista@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal do Acre. Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Educação do Estado do Acre – SEE. Email: airtonm.silva@bol.com.br

## 1 Introdução

No presente artigo, trataremos do vocabulário do seringueiro presente na obra *Corações de Borracha*, de Sílvio Martinello – uma obra ambientada no Acre que narra a trajetória de trabalhadores vindos do nordeste, sobretudo, do Ceará, para trabalharem nos seringais acreanos na produção de borracha. Nosso interesse não é fazer um estudo da estrutura dos itens lexicais, mas elencar as lexias presentes na obra que configuram marcas da cultura local (contexto do seringal) e apresentar, ao final, um glossário em cujos verbetes constem: palavra de entrada, definição, e o contexto em que aparece na obra em tela. A seguir, trataremos da relação léxica e linguagem regional.

O romance *Corações de Borracha* é uma obra que aborda um tema regional permeado pela criatividade, conhecimento profundo do tema pelo autor expressado através do uso da linguagem que caracteriza a região e o falar do povo que no Acre chegou para trabalhar nos seringais. Estes fatores e contribuíram para a formação do léxico regional, pois o processo de nomeação de espaços, sujeitos e instrumentos de trabalho deram origem à linguagem que o autor Sílvio Martinello traz em sua obra com grande propriedade.

O contexto da obra é o 2º Ciclo da Borracha na Amazônia no período da Segunda Guerra Mundial que ocasionou o recrutamento de muitos homens para virem extrair borracha. Martinello descreve, com riqueza de detalhes em sua obra, a trajetória desses homens trabalhadores partindo de Fortaleza - CE, passando por Belém - PA, Manaus – AM chegando até o município de Boca do Acre – AM, subindo o Rio Acre até chegar aos seus destinos nos seringais acreanos.

A viagem dos *arigós* até os seringais acreanos é narrada no romance *Corações de Borracha* a partir dos personagens principais José Eugênio, filho do seringalista Tonhão Ribeiro dono do seringal Boa Esperança e Vitória, uma moça de 15 anos, da família Mendes que embarca no *gaiola* do comandante Sardinha em Fortaleza, com o pai Pedro Cícero, a mãe Filomena, os cinco irmãos homens e Vitória a única filha mulher. José Eugênio, um advogado formado em Coimbra em Portugal, segue para o seringal do pai a fim de continuar as atividades de produção de borracha viajando em companhia dos trabalhadores recrutados pelo Estado para extrair borracha denominados de *arigós*, em referência a uma ave do sertão que vive de mudança de local, semelhante

os viajantes com destino ao Acre. O romance é uma constante desconstrução e reconstrução de personagens e espaços por meio de uma linguagem que se reinventa semanticamente no contexto de uso.

O objetivo deste trabalho não é fazer análise discursiva da obra, mas pesquisar o léxico regional a partir do texto e do contexto da obra *Corações de Borracha* por se tratar de um romance de expressão e temática regional. Dentre várias obras de literatura regional escolhemos esta, pois nela há muitas palavras que compõem o léxico regional. Além disso, no texto da obra o autor destaca muitas palavras e expressões regionais em itálico, indicando que é preciso entender o contexto de uso de determinada palavra ou expressão, no entanto, acreditamos que a elaboração de um glossário da obra ajudará os leitores a compreenderem melhor o sentido e o contexto de uso dessas palavras.

Para realização deste trabalho selecionamos a obra, realizamos a leitura e selecionamos as palavras para elaborar o glossário obedecendo a estrutura: palavra entrada – classificação gramatical – conceito – exemplo e legenda. Esta estrutura fundamenta-se nos trabalhos de Sousa (2008) e Pontes (2000). Além disso, utilizamos como parâmetro o contexto da obra e a situação em que a palavra é empregada em determinados trechos da obra.

O glossário apresentado neste artigo foi desenvolvido, quanto à macroestrutura, obedecendo ao campo semântico, considerando o contexto de uso presentes em trechos da obra *Corações de Borracha*. Os verbetes estão organizados em ordem alfabética em cada campo semântico elencado na descrição. São sete campos semânticos: a) sujeitos; b) instrumentos de trabalho; c) locais e espaços de trabalho; d) meios de transporte; e) produto do trabalho do seringueiro; f) comércio e comerciantes; g) caça de subsistência; h) doença.

## **2 Língua e cultura**

A língua é um organismo vivo que se renova conforme a necessidade comunicativa dos falantes. Nesse contexto, o léxico é uma forma de manifestação da língua para atender à necessidade comunicativa do falante de determinado grupo. Por meio do léxico é possível verificar as organizações sociais, seus costumes, suas crenças, seus saberes e as transformações sociais e culturais de determinado grupo de falantes. O léxico é a representação, na língua, da realidade que nos cerca. Por essa razão, analisar o léxico regional é de suma importância para a exploração da linguagem e da cultura de

uma região por meio das palavras escritas em diversas obras literárias e não literárias. Para melhor entendermos a importância do léxico para a cultura e para linguagem regional, recorreremos às definições de Biderman (1998). A autora afirma que

o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. [...] No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical (BIDERMAN, 1998, p. 12).

Esse tesouro cultural que é o léxico, de acordo com a autora, constitui-se a partir do processo de percepção da realidade pelos seus falantes, portanto, a necessidade de nomeação da realidade faz surgir o léxico da língua. Entendemos, então, que há uma estreita relação entre léxico e cultura, sobretudo quando consideramos o regionalismo.

Ampliando a definição, Antunes (2012) diz que:

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como um amplo repertório de palavras de uma língua ou conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua (ANTUNES, 2012, p. 27).

Antunes (2012) visualiza o léxico como um instrumento que está à disposição do falante da língua para ser utilizado conforme suas necessidades. Além disso, a autora considera o léxico como uma parte da constituição da língua não menos importante que as normas gramaticais e a sintaxe.

Essas considerações de Antunes (2012) nos fazem acreditar que o uso das palavras disponíveis ao falante ganha novos sentidos e, também, uma nova forma para atender ao processo comunicativo. No entanto, cremos, também, que mesmo que a palavra mantenha sua estrutura morfológica, esta pode adquirir novas funções e novos sentidos quando consideramos o contexto comunicativo e a língua de especialidades, como é o caso do léxico do seringueiro.

Antunes (2012) adverte, ainda, que:

A sintaxe e a fonologia constituem um conjunto mais ou menos fechado de possibilidades. O léxico, ao contrário, é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm

seu significado ou mudam, de um lugar para o outro, de um tempo para outro (ANTUNES, 2012, p. 29).

Inferimos que o léxico é um organismo vivo da língua que se reinventa e se adapta a cada meio social, a cada época histórica e a cada grupo de falantes. Por isso, temos, nos romances regionais, a presença de um léxico que é capaz de conduzir o leitor a uma reflexão histórica e cultural a partir da linguagem, uma vez que, como afirma Bakhtin (2006, p. 8), “[...] todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais”. Nesse sentido, cada palavra utilizada para nomear ou para expressar um pensamento é carregada de significado recriado no contexto comunicativo de cada lugar. Além disso, Bakhtin (2006) afirma que:

Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra de realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer (BAKHTIN, 2006, p. 33).

Compreendemos que o signo é passível de estudos com objetivos e metodologias claras e objetivas considerando o contexto de uso da palavra e a interação entre os interlocutores em determinados espaços.

Além disso, Antunes (2012) afirma ainda que:

Nos grupos em que atuamos ou aqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos. É a forma de pronunciar as palavras; é a curva melódica de nossas entonações; são os tipos de combinação sintática que fazemos (a ordem das palavras na sequência da sentença) e outros muitos itens, que indicam nossa procedência, que revelam a “casa” onde fazemos morada (ANTUNES, 2012, p. 46).

Percebemos que a identidade de um povo ou de uma região se revela também pelo uso da linguagem. Podemos considerar que o vocabulário que utilizamos e o modo como construímos as sentenças comunicativas denunciam nossa capacidade de domínio linguístico, bem como evidenciam marcas lexicais procedentes do contexto social do falante. Para melhor compreendermos essa relação entre linguagem, léxico e região, apresentamos algumas considerações conceituais acerca do assunto.

Uma região se define por suas características geográficas, econômicas e sociais, tendo a língua como patrimônio social e a linguagem como patrimônio individual, que

possibilita as relações e as práticas sociais que identificam determinada região. Segundo Pozenato (2001):

Uma determinada região é constituída, portanto, de acordo com o tipo, com o número e com a extensão das relações adotadas para defini-la. Assim, em última instância, não existe uma região da Serra ou uma região da Campanha a não ser em um sentido simbólico, na medida em que seja construído (pela práxis ou pelo conhecimento) um conjunto de relações que apontem para esse significado (POZENATO, 2001, p. 583).

Inferimos que a definição de região se constitui a partir das relações sociais que se estabelecem em determinado lugar. No caso da região amazônica, temos a sua gente, a natureza e o extrativismo como características definidoras da região. Nesse meio, estão os trabalhadores seringueiros que, através de um processo histórico-social, contribuíram para a formação do léxico e da cultura regional. Pozenato (2001), referindo-se à definição de região, alega que não há problema “[...] em continuar falando em região, contanto que por tal não fique entendido uma realidade natural, mas uma rede de relações em última instância, estabelecida por um autor, seja ele um cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista” (POZENATO, 2001, p. 584).

Entendemos que há um determinante para a constituição de uma região. No caso da região acreana, o que determinou a região foi a exploração de borracha e todo seu legado linguístico, histórico e cultural, seja no primeiro ou no segundo ciclo da borracha. O trabalho desenvolvido na produção e comercialização de borracha e a necessidade de nomeação de espaços e objetos foram determinantes para a constituição do léxico do seringueiro, cujas palavras serão abordadas neste artigo em forma de glossário. .

Para Hall (2011, p. 127), “[...] a cultura não é uma prática, nem apenas a soma descritiva dos costumes”. Para o autor, ela “[...] perpassa por todas as práticas sociais”. O autor considera que a cultura, nas práticas sociais, sejam elas remotas ou recentes, nasce das relações cultivadas em determinada sociedade ou grupo social. Neste trabalho, adotaremos o conceito de cultura como uma prática social onipresente nas relações e nas interações sociais.

Além disso, Hall (2011, p. 128) diz ainda que a “[...] cultura é esse padrão de organização, essas formas características de energia humana que podem ser descobertas

e reveladoras de si mesmas”. Por essa razão, acredita-se que é possível analisar a cultura seringueira a partir das relações sociais e culturais nas quais esta se configura.

Para Bhabha (1998, p. 20), “[...] é inovador passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar nos processos produzidos na articulação de diferenças culturais”. Certamente, cada região do país forma-se a partir das diversidades culturais, sobretudo a Amazônia, onde culturas nativas locais juntam-se às culturas advindas de outras regiões, e, por essa razão, o léxico nasce das relações dessas diferentes culturas e atividades desenvolvidas na região amazônica.

Levando em conta o processo de deslocamento cultural dos cearenses, dos paraibanos, dos pernambucanos e de outros sujeitos que vieram para a região amazônica explorar seringais, podemos entender essas “rupturas significativas” e esses reagrupamentos apontados por Bhabha (1998). Compreendemos que como o afastamento total do ser humano das práticas culturais nativas, o qual é posto em um ambiente adverso do seu em plena selva amazônica, submetido a novas regras e práticas sociais, como a estrutura do seringal e suas regras de convivência surge uma nova forma de construção cultural que passa a valer como identidade regional permeada pela linguagem.

Dantas (2015, p. 31), referindo-se aos seringueiros residentes na fronteira entre o Acre e a Bolívia, retrata que “[...] esses trabalhadores passaram a vivenciar dinâmicos e, muitas vezes, violentos processo de fragmentação e incorporação de novas identidades”. A autora refere-se aos seringueiros que migraram para a Bolívia em busca de sobrevivência no corte da seringa. Certamente, esse fato reflete diretamente na criação de unidades lexicais.

### **3 Léxico e linguagem regional**

Os aspectos socioculturais se manifestam no texto escrito pela interação discursiva entre narrador e interlocutor por meio da linguagem. A língua é o instrumento linguístico que atua nos espaços culturais e de construção do léxico. Com vistas ao entendimento da relação entre léxico e cultura regional, Oliveira (2001) aborda que:

O léxico de uma língua é constituído por um conjunto de vocábulos que representa a herança sócio-cultural de uma comunidade. Em vista disso, torna-se testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem (OLIVEIRA, 2001, p. 109).

Percebemos que o léxico carrega a identidade de determinada região e evidencia o histórico sociocultural de determinado grupo social, construído a partir das relações entre os sujeitos pela linguagem. Além disso, Oliveira (2001) defende que:

Na formação de uma língua é preciso considerar a influência exercida pelo ambiente através da experiência social. Este contato entre língua e realidade irá determinar a linguagem como reflexo da realidade e, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo que o indivíduo possui (OLIVEIRA, 2001, p. 109).

A relação entre língua e realidade, evidenciada por Oliveira (2001) , nos leva a compreender que a relação entre o léxico e a linguagem é muito próxima e que um não existe sem o outro, e, dessa relação, nasce o que denominamos de linguagem regional, pois, através do léxico, é possível compreender a realidade sociocultural da região e do grupo social nela inserido, pois é pela linguagem que as relações humanas se concretizam .

Oliveira (2001) afirma, ainda, que:

Por mais reduzido que seja um espaço geográfico, o estudo natural de uma língua nele inserida é o estado de mutabilidade, ou seja, a feição polimórfica. Toda esta dinamicidade da língua é evidenciada, sobremaneira, no léxico, nível linguístico que melhor expressa a mobilidade das estruturas sociais, a maneira como uma sociedade vê e representa o mundo (OLIVEIRA, 2001, p. 107-108).

Oliveira (2001) enfatiza que não importa o tamanho do espaço geográfico ou, até mesmo, em qual espaço geográfico a língua se manifesta; o que importa é entendermos que o léxico é o melhor instrumento que a língua possui para que conheçamos os regionalismos linguísticos, bem como para que compreendamos as sociedades ali existentes. Nesse contexto, podemos considerar o texto escrito como propulsor desse conhecimento, sobretudo o texto literário de expressão regional.

Em relação ao léxico regional, Isquierdo (2001, p. 91) afirma que “[...] o estudo do léxico regional pode fornecer dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”.

Pode-se dizer que a linguagem ressignificada em virtude da atividade seringueira e do processo de comunicação e de nomeação de objetos e de ações gerou várias palavras e criaram-se outras, fato comprovado na vasta produção literária referente ao



trabalhador seringueiro e seus costumes, bem como através da oralidade nas interações discursivas.

Isquerdo (2001, p. 91) diz que “[...] investigar uma língua é investigar também a cultura”. Acredita-se que a língua nesse contexto, é reveladora do pensamento, dos costumes, dos valores sociais, das relações intrínseca e extrínseca dos sujeitos envolvidos em determinados processos comunicativos, sobretudo, quando condicionado por fatores específicos, como é o caso dos trabalhadores seringueiros inseridos na floresta em busca de realizações pessoais ilusórias.

Compreende-se, então, que o estudo do léxico dessa população permitirá também ao pesquisador conhecer mais sobre a cultura seringueira, pois, de acordo com Isquerdo (2001, p. 91), “[...] o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo”. Para muitos acreanos, o modo de vida e a história dos seringueiros no Acre é desconhecida e se distancia cada vez mais do ambiente escolar. Estudar o léxico desse grupo social significa, também, trazer sua memória e atualizar sua trajetória de vida por meio da palavra.

Isquerdo (2001) preocupa-se em verificar, em seu estudo sobre o léxico do seringueiro no Acre,

a força exercida pelo contexto extralinguístico no processo de nomeação de um novo elemento da realidade. A despeito de, nesse campo, grande parte das lexias terem sua gênese em formas linguísticas já existentes, o acréscimo de traços semânticos específicos é motivado por condicionantes sócio-culturais muito característicos do meio. Assim, no processo de nomeação dos novos referentes percebe-se a manifestação da interação entre elementos linguísticos e não-linguísticos que acaba por gerar o significado contextual das diferentes lexias (ISQUERDO, 2001, p. 91-2).

Inferimos, portanto, que o processo de formação do léxico regional dialoga diretamente com fatores contextuais, o que permite, a partir de lexias já existentes, a atribuição de novos significados para atender às necessidades do falante.

Nesse processo, a língua e o contexto social somam-se na criação e na ressignificação de palavras. No que se refere ao processo de formação do léxico da seringa no Acre, de acordo com Isquerdo (2001, p. 95), houve um processo de *especialização de significado* de muitos termos a partir das palavras já existentes, como, por exemplo, *judiar*, *sangrar*, *sarar* e *solar a madeira*. Segundo a autora, esses termos foram empregados em nomeações e em comunicações locais, porém, sem perder sua

essência semântica, foram apenas ressignificados, dando origem a novos sentidos para os termos.

Isquerdo (2001, p. 90) descreveu e analisou o léxico referente ao processo de produção da borracha, “[...] desde a recolha do látex até a venda do produto obtido”. A autora optou por dividir o estudo “[...] em dois grupos: processo de coleta e instrumentos de trabalho”. Segundo a pesquisadora, a ação de coletar o látex foi o que apresentou maior representatividade lexical. Por isso, ela pautou seu trabalho em “[...] tão somente itens lexicais associados ao processo de coleta da seringa”.

Nesse sentido, Isquerdo (2001) destaca que:

Obedecendo-se à sequência de ações próprias da atividade de recolha do látex, temos primeiramente as lexias *raspagem* e *raspar madeira*. A ação de *raspar* designa a primeira tarefa realizada pelo seringueiro no processo de “corte” da árvore da seringueira. Significa *raspar* levemente a casca da madeira com vistas à remoção de impurezas próprias da casca (ISQUERDO, 2001, p. 93-4).

Isquerdo (2001), dividiu o léxico em subcampos para facilitar a análise. A pesquisadora mostra que as ações descritas por essas lexias vão além do fato linguístico. Elas marcam o espaço, o tempo e a cultura de um povo. Reflete, assim, a cosmovisão do grupo humano que habita um espaço: no caso específico, o Acre.

Cada um desses termos vai adquirir uma significação nova para nomear atos e objetos referentes à coleta do látex. Cada ação no processo de produção e de comercialização da borracha vai gerar um grupo de lexias, por isso, têm-se, ainda, muitos aspectos para pesquisar acerca do léxico desse grupo de trabalhadores.

#### **4 Dicionários e glossários: macroestrutura e microestrutura**

De acordo com Biderman (2001, p. 17), “A Lexicografia é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional”. Nesse sentido, observamos que a produção e o uso de dicionários é uma prática que requer conhecimento de sua arquitetura estrutural e de sua importância para os registros e estudos lexicais de determinada língua.

A *macroestrutura* de um dicionário, de acordo com Pontes (2000), constitui-se de três partes: páginas iniciais; nomenclatura do dicionário; e páginas finais. Segundo Pontes (2000, p. 56), a nomenclatura ou o corpo do dicionário “[...] constitui o dicionário propriamente dito”. Contribuindo com essas proposições, Sousa (2008, p. 06)

explica que “[...] nas páginas iniciais encontra-se a apresentação, o prólogo, a introdução, as normas ou orientações para o uso da obra, a lista de colaboradores e as abreviaturas”.

O glossário apresentado neste artigo foi desenvolvido, quanto à macroestrutura, obedecendo ao campo semântico, considerando o contexto de uso presentes em trechos da obra *Corações de Borracha*. Os verbetes estão organizados em ordem alfabética em cada campo semântico elencado na descrição. São sete campos semânticos: a) sujeitos; b) instrumentos de trabalho; c) locais e espaços de trabalho; d) meios de transporte; e) produto do trabalho do seringueiro; f) comércio e comerciantes; g) caça de subsistência; h) doença.

Sousa (2008, p. 07), fazendo referência ao corpo do dicionário, acrescenta que “[...] nele são apresentadas divisões chamadas verbetes”. Nesse contexto, compreendemos que os verbetes são os elementos lexicais que formam o corpo do dicionário.

A *microestrutura* de um dicionário, de acordo com Pontes (2000), corresponde à maneira como os verbetes estão organizados arquiteticamente, de forma horizontal, na seguinte ordem: palavra de entrada; informações gramaticais; definição; exemplo de uso; marcas de uso; e remissiva. No glossário que apresentaremos neste artigo, utilizaremos o modelo proposto por Sousa (2008):

#### VERBETE:

**PALAVRA - ENTRADA.** *Informação Gramatical.* Definição.

“Contexto” (LEGENDA<sup>3</sup>).

De modo a reforçar a importância do uso do dicionário, sobretudo na sala de aula, Sousa (2008, p. 02) defende que “[...] os dicionários constituem um repertório de léxico organizado sistematicamente, geralmente, em ordem alfabética, o que facilita a consulta pelos usuários”. Sousa (2008, p. 08) destaca que independentemente dos enfoques teóricos dos lexicógrafos, “[...] a importância do dicionário como instrumento didático” é consenso entre os pesquisadores do léxico. O autor afirma, ainda, que o dicionário “[...] configura-se como instrumento auxiliar para o desenvolvimento de

<sup>3</sup> A legenda está assim organizada: MARTINELO, iniciais do autor; 2004, ano da obra; p XX, página onde o termo está localizado na obra.

competências elementares para todo aprendizado”, sobretudo ao se tratar de leitura e de análise lexicais.

Além disso, no que se refere ao uso do dicionário em sala de aula, Sousa (2008, p. 08) constata, em suas pesquisas, que “[...] esse potencial não tem sido adequadamente explorado no ambiente escolar, onde, de modo geral, o dicionário é visto tão somente como instrumento de consulta”. O autor também aponta que a utilização do dicionário, de modo geral, deve tomar como base “[...] os fundamentos teórico-metodológicos das ciências do léxico, de modo especial, da Lexicografia”.

### **5 *Corações de Borracha*: a obra**

No romance *Corações de Borracha*, escrito por Sílvio Martinello<sup>4</sup>, temos a representação da cultura dos seringueiros, de seus costumes, dos desafios na floresta, das lendas e das superstições, do processo de produção, de comercialização, de contratação de trabalhadores e das mudanças que ocorreram com a decadência da borracha no mercado expressados através do léxico. Neste artigo, não pretendemos fazer uma análise discursiva da obra, mas, apenas focar no estudo do léxico e na sua importância para os estudos da linguagem e do léxico regional.

O estudo do léxico dessa obra é imprescindível porque os sentidos carregados nas palavras selecionadas pelo autor precisam ser ampliados para que o leitor compreenda melhor o contexto e a realidade social, histórica e regional que o texto traz. Por essa razão, acreditamos que o glossário da obra, a contextualização do emprego das palavras considerando o regionalismo e a atividade desenvolvida pelos seringueiros e todos os sujeitos envolvidos no espaço do seringal contribuirão para uma leitura mais significativa da obra e para a compreensão da linguagem regional.

O autor Sílvio Martinello nos apresenta um romance regional que condensa, em seus capítulos, a saga dos trabalhadores seringueiros na Amazônia. De uma forma ficcional, ele nos leva a perceber aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais que constituíram a identidade regional.

---

<sup>4</sup>O autor, natural de Santa Catarina, trabalha no Acre há mais de 30 anos e é um grande conhecedor da história e da luta dos seringueiros no Acre, bem como do processo político e econômico que impulsionou a exploração de borracha, a ocupação e o povoamento do estado. Martinello é autor de outras obras como *A Ilha da Consciência* (2003) e *Corações de Borracha* (2004).

Através dos personagens José Eugênio e Vitória, casal protagonista do romance, o autor tece sua narrativa seguindo a trajetória destes e de outros personagens da obra, fazendo um verdadeiro diário de bordo da viagem dos *arigós* de Fortaleza até os seringais do Acre. A seleção vocabular da obra nos permite acessar o vasto campo lexical dos trabalhadores seringueiros, que, por necessidade de nomear sujeitos, objetos, espaços e ações, contribuíram para a formação da linguagem regional que se materializa em obras como *Corações de Borracha*, entre outras tantas que narram o modo de vida dos seringueiros e suas histórias.

## 6 Glossário do seringueiro na obra *Corações de Borracha*

### a) Sujeitos

**ARIGÓS.** *Sm.* Homens recrutados pelo governo federal Getúlio Vargas, no período da Segunda Guerra Mundial, nos estados do Nordeste brasileiro, sobretudo no Ceará, para cortar seringa na Amazônia, para atender aos interesses Norte-Americanos e para cumprir acordos políticos entre o Brasil e os Estados Unidos durante a guerra.

“A ordem agora é checar as listas dos passageiros, dos *arigós*, que saem de Belém para Manaus, para ver se não está faltando algum” (MARTINELLO, 2004, p. 47).

**BRABOS.** *Sm.* Homens migrantes dos estados do Nordeste, recém-chegados aos seringais sem saber as técnicas do corte da seringa, dos perigos e dos desafios que iriam enfrentar para tornarem-se seringueiros e para produzirem borracha, também chamados de *arigós*.

“Na medida em que se aproximou mais, qual não foi sua surpresa ao se deparar com todos os seringueiros reunidos, os “*mansos*” e os “*brabos*” recém-chegados [...]” (MARTINELLO, 2004, p. 233).

**CORONÉIS DE BARRANCO.** *Sm.* Nome de destaque dado aos seringalistas proprietários dos seringais localizados nas margens dos rios amazônicos por conta de sua representatividade na região.

“Sinhozinho Mariano, filho do seringalista Mariano Cerqueira, um dos mais temidos *coronéis de barranco* do longínquo Acre” (MARTINELLO, 2004, p. 24).

**GUARDA-LIVROS.** *Sm.* Gerente do seringal, pessoa de extrema confiança do seringalista. Administrava as contas de cada seringueiro, a distribuição de mercadoria superfaturada e a compra da borracha por preço baixo. “Ao fazer a chamada dos seringueiros pela caderneta do *guarda-livros* Gervásio, percebeu que alguns deles [...] não falavam” (MARTINELLO, 2004, p. 270).

**SERINGUEIROS.** *Sm.* Trabalhadores que extraem o látex das seringueiras ou que trabalham em alguma atividade relacionada à seringa, os quais moram nas colocações do centro da floresta ou na sede do seringal, denominada barracão, localizada na margem dos rios.

“Esperou o dia seguinte para dar tempo que os *seringueiros* viessem de suas colocações” (MARTINELLO, 2004, P. 53).

**SOLDADOS DA BORRACHA.** *Sm.* Patente dada aos homens recrutados pelo governo federal para produzirem borracha na Amazônia, visando ao cumprimento de acordos de cooperação entre os Estados Unidos e o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. O governo Vargas comprometeu-se em abastecer os americanos com borracha para manter a batalha e para ganhar a guerra, pois a maioria dos armamentos bélicos necessitava de borracha, sobretudo os aviões.

“Nada como motivar esses miseráveis tabaréus do que dar-lhes uma patente – a patente de *Soldados da Borracha*” (MARTINELLO, 2004, p. 96).

#### **b) Instrumentos de trabalho**

**FACAS TIPO JEBOND.** *Sf.* Instrumento de trabalho mais moderno utilizado para sangrar as seringueiras em substituição das machadinhas que maltratavam as árvores. Ficaram popularmente conhecidas como “facas de seringa” ou “cabritas”.

“José Eugênio também concordava que era preciso substituir a arcaica machadinha de sangrar as seringueiras pelas *facas tipojebond* [...]” (MARTINELLO, 2004, P. 244).

**MACHADINHA.** *Sf.* Instrumento cortante utilizado para sangrar a seringueira e para extrair o látex. Foi substituída pela faca de seringa, também denominada “cabrita”, pois a machadinha maltratava a seringueira e a matava.

“Uma das primeiras foi trocar a *machadinha* que os seringueiros da Amazônia utilizavam no corte da seringueira – um método considerado predatório, porque inutilizava as árvores [...]” (MARTINELLO, 2004, p. 225).

### c) Locais e espaços de trabalho

**ABELHAL.** *Sm.* Esconderijo de cachaça no matagal. O movimento dos homens indo e voltando até o esconderijo era semelhante o das abelhas colhendo o néctar das flores. “*Abelhal* era um termo bem conhecido dos seringueiros. Em suas festas, forrós ou forrobodós, costumavam esconder as garrafas de cachaça nos matagais ou porque o dono da casa proibia ou para não dividir com os demais” (MARTINELLO, 2004, p. 272).

**BARRACÃO.** *Sm.* Sede do seringal, localizada na margem do rio, onde se concentrava o armazém de mercadorias, os animais de transporte, as residências do gerente do seringal e do seringalista e o patrão ou o coronel de barranco. Toda estrutura administrativa e o suporte para os seringueiros encontrava-se no barracão. “Ainda na mesma margem, podia-se ver o **barracão** de outro seringal [...]” (MARTINELLO, 2004, p. 210).

**COLOCAÇÕES.** *Sf.* Extensa área de mata pertencente a um determinado seringal, onde os seringueiros eram colocados pelo seringalista para produzirem borracha. Geralmente, uma colocação era composta por seis ou oito *estradas de seringa*. “[...] José Eugênio despachou Anastácio e alguns serviçais da sede do seringal para percorrer as *colocações* dos seringueiros espalhadas na floresta” (MARTINELLO, 2004, p. 269).

**ESTRADAS DE SERINGA.** *Sf.* Caminho em forma de círculo feito na floresta que interliga as seringueiras e define o trajeto do seringueiro para extrair o látex. “[...] no começo do século, não havia nada mais anacrônico e escravizante do que as chamadas “*estradas de seringa*” ou de seringueiras. Dispostas em círculos, essas “*estradas*” conduzem o seringueiro ao interior da floresta e o trazem sempre ao mesmo lugar” (MARTINELLO, 2004, p. 246).

**ROÇADO.** *Sm.* Local onde os seringueiros desmatavam para fazer plantações de subsistência para sua alimentação a partir do segundo ciclo da borracha.

“[...] tarefa difícil para o negro Vicente convencer os seringueiros que, agora na condição de Soldados da Borracha, teriam o direito de fazer pelos menos um hectare de **roçado**” (MARTINELLO, 2004, p. 274).

**SERINGAL.** *Sm.* Grande área de terra pertencente ao seringalista proprietário. Era composto por uma sede, onde ficava o armazém de mercadorias e o galpão para armazenar borracha. Abrigava também o gerente e outros trabalhadores que davam suporte ao trabalho diário. Cada seringal era composto por várias colocações, nas quais a borracha era fabricada.

“[...] coronel Mariano Cerqueira, dono do **Seringal** Triunfo do Rio Acre” (MARTINELLO, 2004, p. 24).

**TAPIRIS.** *Sm.* Esta palavra denomina a casa ou a barraca feita de modo rústico e coberta de palha onde o seringueiro morava e recebia outros seringueiros em dias de folga para se confraternizarem, geralmente o encontro era regado à bebida alcoólica.

“Os seringueiros podiam ocupar-se em atividades mais produtivas do que passar os dias socados em seus *tapiris*, bebendo cachaça” (MARTINELLO, 2004, p. 246).

**VARADOURO.** *Sm.* Caminho no meio da floresta que liga o barracão a todas as colocações do seringal, por onde os seringueiros transitam tanto para o barracão quanto para outras colocações. É também a via por onde se transporta a borracha para o barracão.

“Depois de uma hora de caçada, arrastando todo tipo de pássaro e bichos abatidos, os *arigós* tomaram o **varadouro** de volta para o barracão” (MARTINELLO, 2004, p. 280).

#### **d) Meios de transporte**

**BATELÃO.** *Sm.* Embarcação de médio porte que percorriam os rios transportando pessoas, borracha e mercadorias.



“José Eugênio teve que viajar a Rio Branco, para comprar uma série de equipamentos. Embarcou no primeiro *batelão*, outra versão mais modesta dos *gaiolas*” (MARTINELLO, 2004, p. 235).

**GAIOLA.** *Sm.* Nome dado ao navio que transportava pessoas, mercadorias e borracha da Amazônia para Manaus e para Belém.

“Ali, na bagunçada cabine do *gaiola* Sobral, o velho marujo e o moço fincaram as primeiras raízes de uma sólida amizade” (MARTINELLO, 2004, p. 27).

#### e) Produto do trabalho do seringueiro

**BORRACHA.** *Sf.* Principal produto fabricado nos seringais a partir do látex extraído das seringueiras, base da economia da região acreana de Manaus e de Belém, exportada para outros países, sobretudo para os Estados Unidos, utilizada como matéria-prima base para produção de pneus, de equipamentos de guerra e tecnológicos etc.

“[...] e faz sentido, sim, a pressa dos americanos em levar essa gente para a Amazônia, para extraírem o máximo de *borracha* que puderem” (MARTINELLO, 2004, p. 38).

**PÉLAS DE BORRACHA.** *Sf.* Refere-se a cada unidade de borracha defumada. A cada etapa da defumação, o seringueiro vai acrescentando uma película com o leite defumado na pequena borracha, como se fosse acrescentando uma pele em um corpo. Essas películas dão origem a borrachas de 50 ou 60 quilos.

“Mais do que o peso dos jamaxis que carregavam nas costas, transportando o rancho da sede para as colocações, as **pélas de borracha, José Eugênio observou que, ao falar com ele, com Dona Lili, com Seu Gervásio, o guarda-livros, ou com qualquer outro que supunham exercer algum tipo de ascendência sobre eles, não levantavam a cabeça [...]**” (MARTINELLO, 2004, p. 269).

#### f) Comércio e comerciantes

**AVIAMENTO.** *Sm.* Sistema de comércio feito no seringal que consistia na venda de mercadorias para os seringueiros a preços superfaturados e na compra da borracha produzida por eles a preço baixo. Nesse sistema de comércio, o seringueiro endividava-

se de tal forma que não conseguia tirar saldo ou lucro nenhum com o seu trabalho, pois tinha de pagar a conta ao patrão.

“[...] era preciso acabar com o sistema escravocrata na produção do látex, também conhecido como *aviamento*” (MARTINELLO, 2004, p. 223).

**MARRETEIRO.** *Sm.* Uma espécie de vendedor ambulante nos seringais, também chamado de regatão, que comprava borracha, vendia mercadorias variadas, praticava escambo com os seringueiros e também fazia o papel de correios na floresta.

“Lá, deveria procurar o agente de viagem Eduardo Assmar, que mandara um bilhete pelo *marreteiro*, avisando que havia chegado pela *Panair* cartas, livros e outros objetos [...]” (MARTINELLO, 2004, p. 236).

**REGATÕES.** *Sm.* Comerciantes e compradores de borracha ilegais, nos seringais, numa embarcação de médio porte. Os seringueiros eram proibidos de vender borracha e de comprar mercadoria dos regatões, pois prejudicava o seringalista, devido aos regatões pagarem mais pela borracha e venderem mercadoria mais barata que no barracão do seringal.

“Queria se certificar de que estavam fazendo o corte adequado nas seringueiras [...] e, principalmente se não estavam trocando a borracha com os *regatões* ou fazendo roçados” (MARTINELLO, 2004, p. 229).

#### g) Caça de subsistência

**EMBIARA.** *Sf.* Pequenas caças de várias espécies incluindo aves que os seringueiros abatiam para sua alimentação.

“São algumas *embiaras* que a gente viu logo acolá depois do aceiro da mata [...] é caça, muita caça. É nhambu, jacu, mutum, caititu, veado, jabuti, jabota, tartaruga, paca, cotia, coelho [...]” (MARTINELLO, 2004, p. 280).

#### h) Doença

**IMPALUDISMO.** *Sm.* Doença que acometia os seringueiros deixando-os pálidos, amarelos devido à má alimentação, à inalação de fumaça no processo de defumação da

borracha e a outras doenças, como a malária. Por causa dessa doença, muitos eram adjetivados de “amarelo”.

“[...] o *impaludismo*, a fumaça da defumação do látex encarquilhavam suas peles [...]. Os olhos mais pareciam duas bolas de açafrão. Por causa desse detalhe, quase todos atendiam pelo apelido de *Amarelo*: João *Amarelo*, Raimundo *Amarelo*, Zé *Amarelo* [...]” (MARTINELLO, 2004, p. 271).

### Considerações finais

O estudo lexical da obra *Corações de Borracha*, de Silvio Martinello, permite que compreendamos os sentidos das palavras e das expressões no contexto de interação social. O léxico presente na obra revela o processo de renovação da língua e sua capacidade de atender às necessidades de nomeação do grupo de falantes que atuaram na produção de borracha no Acre e na Amazônia.

Como afirmamos anteriormente, o léxico regional vai além da esfera linguística: ele marca o espaço, o tempo e a cultura de um povo. A cosmovisão do grupo humano que habita um espaço está refletida em cada termo.

### Referências:

ANTUNES, I. *O território das palavras: estudo do texto em sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BIDERMAN, M. T. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnica. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negrini (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DANTAS, K. G. M. A. *Nas fronteiras da "Terra Prometida": trajetórias de trabalhadores rurais do alto Acre*. Editora IFAC, 20015. .

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, A. M. P. P. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

POTYGUARA, J. *Terra Caída*. Rio Branco: Fundação Cultural do Estado do Acre, 1998.

PONTES, A. L. Dicionário e leitura. In: *Formação continuada de professores da rede pública – 2ª fase – Português*. Fortaleza: Universidade Aberta do Nordeste/Fundação Demócrito Rocha/Governo do Estado do Ceará, 2000a, p. 54-64.

POZENATO, J. C. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H P de M, ZILLES, U. (Org.). *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre/Caxias do Sul: Edipucrs/Educs, 2001.

SOUSA, A. M. O uso do dicionário em sala de aula. In: *Anais da III Jornada Nacional de Linguística e Filologia de Língua Portuguesa – Trabalhos completos*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/iiiijnlflp/textos\\_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20-%20ALEXANDRE.pdf](http://www.filologia.org.br/iiiijnlflp/textos_completos/pdf/O%20uso%20do%20dicion%C3%A1rio%20em%20sala%20de%20aula%20-%20ALEXANDRE.pdf) Acesso em: 20 maio. 2019.